



Residência
Artística e de
Investigação

grão

2022

4ª Edição

Índice

Notas introdutórias	6
Quinta das Relvas	10
A residência	12
Artistas residentes	15
Clara Saracho	16
Gabriel Siams	32
Francisca Pinto	46
Francisca Valador	64
Sally Santiago	80
Tiago Leonardo	90
Índice de imagens	104

Ana Thudichum Vasconcelos

Presidente do CIEBA - Centro de investigação de estudos em Belas-Artes

Lisboa, 2023

Grão como um lugar de criação artística

As residências são locais de encontro e de cruzamentos profícuos. Lugares de partilha, de experiências e de vivências. Locais de desenvolvimento pessoal, de amadurecimento e crescimento. Pontos de encontro, de inspirações e de contaminação. Espaços de produção individual e com os outros.

Na faculdade, o ensino é formal e o professor é a figura central, o motor da partilha de conhecimento. Nas residências artísticas, as relações são informais, a energia e os resultados alcançados dependem de cada um dos participantes. Na academia, a aprendizagem é instigada por um agente com características que o distinguem do grupo. Nas residências, a dinâmica é criada entre pares. Estes dois tipos de experiências podem ser considerados complementares. No final, o ensino formal tem mais a aprender com o ambiente criado nas residências do que o contrário.

A possibilidade de viver uma experiência imersiva, como é o caso das residências, pode provocar desenvolvimentos significativos nos participantes, pode consolidar o autoconhecimento e o encontro de novos filões de trabalho. Acreditando que a estruturação prévia foi conseguida através do ensino formal, as residências podem promover novas relações, novos olhares, novos desabrochares. O contexto é criado pelo lugar, pelo tempo, por aquele grupo de pessoas, pela comunidade envolvente e pelo afastamento da gestão do quotidiano. Todos estes ingredientes fomentam novas possibilidades de expressão, novos enriquecimentos pessoais, novas direções ou novas consolidações. No fundo, as residências criam condições para que a criação artística aconteça e para que cada participante aprofunde o seu trabalho individual.

Não existe atividade artística sem contexto. E as residências artísticas GRÃO são o oposto dos não-lugares — são espaço de criação em contextos específicos, funcionando como bolhas de criação e de oportunidade de crescimento e investigação pessoal.

Esperamos que cada participante na residência GRÃO 2022 tenha aproveitado esta experiência. Todos ficámos mais ricos, e agradecemos a partilha do vosso trabalho connosco.

Beatriz Manteigas

Associação Quinta das Relvas, Investigadora colaboradora no CIEBA

Branca, 2022

A quarta edição da GRÃO – residência artística e de investigação, confrontou-nos com a natureza, que se tornou prática, dos projetos da Associação Quinta das Relvas. Por aqui, partimos de vontades partilhadas de aprender, de experimentar, de arriscar, onde mestre e pupilo, palco e público se fundem em processo. Projeto a projeto, assim temos ido, criando processos como filhos.

Ora este filho, a GRÃO, em apenas quatro edições, é agora mais maduro, e pede tempo e espaço para se definir em si próprio, fazer as suas próprias escolhas, ambicionar futuro, arriscar caminho - roer o risco como mais mordaz forma de questionar o Mundo que se lhe oferece.

Da mesma forma, quando se arrisca definir um projeto nas vontades de quem o integra, mais do que objetivar o que este será, abraça-se a subjetividade do que este poderá ser, transbordando planos até ao inesperado, onde os limites são difusos mas sempre maiores do que se pôde sonhar.

São assim os filhos, nunca realmente nossos. Em determinada altura, já não nos cabem nos braços, são maiores.

Há dores de crescimento – não só no corpo que cresce, mas também no corpo que quer cuidar.

A quarta edição da GRÃO, pediu-nos, seus progenitores, visão. Capacidade de adaptação. Respeito pela sua vontade – e direito – de crescer.

Relembramo-nos e relembramos este nosso filho de onde vem. Damos-lhe uma vez mais a ver a terra, a senti-la nos pés. Só depois lhe acariciamos as asas.

Abraçamo-lo.

Esperamos estar à altura.

Leonor Lloret

Aderno Associação Cultural

Luso-Bussaco, 2023

felizes aqueles que

a terra toda por alimento

toda a fome por caminho

Bènèdicte Genevieve Houart

Em fábulas e contos tradicionais, não raras vezes, surge essa senda estranha e sinuosa, entre o arvoredo, da qual cintila um ponto de luz cálido e acolhedor. A heroína, curiosa, desvia-se do caminho para, vagueando, descobrir o que há ali.

Culturalmente, o peso do risco é-nos evidenciado nesse momento de tentação, perante a incerteza do que vamos encontrar. Surge o medo e a ponderação, mas igualmente, no desviar caminho, o ímpeto e a audácia de ser. Começa desta forma a aventura.

Aos vinte e poucos, sentimo-nos ávidos por descobrir tudo o que se nos apresenta, o caminho e as veredas que dele derivam.

E ainda que o ensejo nos atordoe o espírito, há tempo e margem para empreender trilhos e situar-nos (mesmo que tantas vezes a consciência da importância deste momento apenas seja entendida anos mais tarde). É aqui que, para um artista no início da sua prática, se abrem oportunamente as portas do que é a experiência de uma primeira residência de criação. Um espaço de possibilidade.

É nesse pressuposto aberto que, a margem da estrada, entrar na Quinta das Relvas se formaliza, como vereda, proposta alternativa de habitar e entender-nos num meio ecológico e sustentável no qual coabitam arte e permacultura de modo umbilical. Curioso que a história desta Quinta nos remeta para a extração do barro com o qual se moldam os tijolos para erguer edifícios e que desse barro tenham surgido, ali e agora, novos pressupostos para entender os conceitos de *casa, floresta e criação*.

A proposta das residências artísticas da GRÃO situa-se nesse ponto de partida no qual a terra é, ainda, uma possibilidade, substância em potência do devir. Os jovens artistas são convidados a desviar-se do caminho, a adentrar-se entre plátanos, carvalhos e terra argilosa, experimentar, individualmente e em conjunto com os outros residentes que, como eles, se dispuseram a errar com todo o horizonte como possibilidade.

Durante três semanas habitam esse espaço de renovação, partilham, refletem, moldam, traçam, sujam-se. Criam.

São acompanhados por artistas com um percurso firmado, em conjunto discorrerão praticas e métodos, regressando, por fim, à estrada que os levou à GRÃO com outra maturidade.

Não obstante, este processo de amadurecimento não começa ou termina durante esses dias de residência, nem é apenas métier dos artistas.

Também nós, os que ponderamos, selecionamos e acompanhamos, empreendemos veredas sinuosas na compreensão do que pode ser uma residência de criação artística, para uma geração de jovens em início de prática, no contexto particular da Quinta das Relvas.

Nesta frutífera colaboração, também o nosso é um processo de partilha e reflexão, de entendimento das limitações e das possibilidades, do caminhar em conjunto. Tem sido um desafio e um privilégio acompanhar a Beatriz e a Mariana, que tão generosamente me convidaram a fazer parte deste processo, testemunhando, a cada edição, a evolução das residências da GRÃO.

Fica o desejo que as inquietudes do Gabriel Siams, da Francisca Valador, do Tiago Leonardo, da Sally Santiago, da Clara Saracho e da Francisca Pinto, os leve a empreender outros trilhos onde possam continuar o processo de crescimento e que o grão semeado com esta residência caia na terra fértil do seu percurso.

Que continuemos todos a morder a terra, saboreando o caminho.

Quinta das Relvas

A Associação Quinta das Relvas é uma ONG sem fins lucrativos fundada em 2016 e localizada na Branca, dedicando-se a actividades de educação não-formal em Artes e Sustentabilidade com vista a um melhor futuro social. Com a sua sede numa quinta crescentemente sustentável, a Quinta das Relvas é constituída por uma equipa multidisciplinar que a utiliza como laboratório para, de forma colaborativa, desenvolver, partilhar e promover experiências educativas que podem tomar a forma de residências artísticas, workshops, conferências, formações, estágios, programas de voluntariado ou intercâmbios internacionais. Desta forma, a Quinta das Relvas promove a participação social e o pensamento criativo e crítico colectivo para um futuro mais sustentável e resiliente, a reconsideração do contexto rural e a descentralização do acesso à fruição e formação na área da cultura. O seu grupo-alvo são os jovens adultos.



A residência

GRÃO – RESIDÊNCIA ARTÍSTICA E DE INVESTIGAÇÃO é um programa criado em 2019 pela Associação Quinta das Relvas e que assume a forma de uma residência artística em Artes Visuais a decorrer na sede da entidade organizadora na vila da Branca (Albergaria-a-Velha). A GRÃO é dirigida a jovens artistas em formação ou início de carreira e tem como principais objetivos a criação de espaço de experimentação e investigação e a promoção da descoberta de novas possibilidades em Arte num contexto de partilha de experiências, abordagens e linguagens, de forma imersiva e intimista

Este programa foi criado por Beatriz Manteigas e Mariana Malheiro, ambas artistas residentes no espaço da Associação que, através deste projeto, partilham o espaço e plataforma da Quinta com outros artistas.

A 4ª edição da GRÃO - Residência artística e de investigação, teve lugar entre 10 e 30 de Outubro de 2022.

Além da intensa produção artística, este período foi marcado pela visita dos artistas Cristina Ataíde, Mariana Gomes e Paulo Brighenti que acompanharam o desenvolvimento dos trabalhos através de tutorias no espaço de atelier. Este período foi ainda complementado com visitas de estudo a espaços culturais da região.

Esta residência artística culminou na apresentação de uma exposição intitulada “Roer o Risco”, apresentada no Cabe 184 (project room da Galeria Arte em Acção) no Porto, entre 17 de Dezembro e 14 de Janeiro.

Nesta publicação apresentamos as obras, processo de trabalho e textos escritos pelos artistas residentes:

Clara Saracho

Gabriel Siams

Francisca Pinto

Francisca Valador

Sally Santiago

Tiago Leonardo

Para a realização deste projeto a Associação Quinta das Relvas contou com o apoio da Direcção Geral das Artes, CIEBA - Centro de Investigação em Belas-Artes, Cabe 184 e Arte em Acção, Aderno - Associação Cultural, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e Junta de Freguesia da Branca.

Mais, em sistema de mecenato, os artistas participantes foram diretamente apoiados pelas empresas Unimadeiras e JNadais - Madeibranca, sediadas no Município de Albergaria-a-Velha, através de bolsas de produção, contribuindo para o sucesso desta residência e a qualidade e viabilidade das obras produzidas.



Artistas residentes

Clara Saracho

Drão, o amor da gente é como um grão

Uma semente de ilusão

Tem que morrer pra geminar

Plantar n'algum lugar

Ressuscitar no chão nossa sementeura

[...]

Letra da canção Drão de Gilberto Gil

Na residência Grão, o meu interesse focou-se na madeira e, particularmente no desenho gráfico dos veios, nós, manchas, das juntas que se formam na união entre as traves e, no geral, da sua estrutura. No meu percurso artístico, já tinha trabalhado em construções em madeira. Este material orgânico, uma vez industrializado, torna-se geométrico e linear. Na Quinta das Relvas, na Branca, reparei que grande parte das estruturas tinha como base a madeira e também percebi que as pessoas da Quinta tinham um carinho especial pelas árvores daquele espaço. Havia troncos cortados e pedaços recolhidos para lenha. Este material natural era utilizado para diversas funções, como na arquitetura da casa, equipamentos do interior, ferramentas, mobília e aquecimento. A estrutura e a cobertura do atelier onde trabalhei, na Quinta, eram inteiramente em madeira.

No início da residência, tirei várias fotografias do local e dos troncos cortados. Fui a uma serração onde vi todo o processo do corte da madeira: desde troncos de dimensões enormes, robustos, esquissos, até às placas lisas, límpidas, polidas, geométricas e lineares. Uma vez trabalhada a madeira, os veios eram claramente visíveis e criavam desenhos muito gráficos. Toda essa textura maciça, depois de polida, tornava-se muito pictórica.









Comecei, então, a desenhar placas de madeira, os seus veios e nós, manchas e pintas. Reparei que a linha do desenho tinha uma certa pressão, precisava de um certo tempo, um meio termo entre a rapidez e a lentidão, tinha também momentos de elevada concentração no detalhe, e outros, mais livres, de interpretação. Observei também que os desenhos lineares não eram simples. Apresentam uma grande tensão e uma dicotomia entre organização e desordem, entre o natural e o industrial, o rápido e o lento, o tenso e o leve.













Experiência da cadeira

Peguei numa cadeira do atelier. Observei as juntas da estrutura em madeira. Pareciam costuras. Experimentei cobrir a cadeira com papel japonês, como se se tratasse de uma segunda pele. Fui cosendo as costuras. Tudo parecia geométrico, mas, no fundo, bastante orgânico. Continuei. A frente, a trás, do lado direito, do lado esquerdo, em baixo, em cima. Cheguei a um ponto em que essa segunda pele era uma verdadeira peça de roupa que podia “vestir” e “desvestir” a cadeira.

Dei conta da relação da cadeira em madeira e da segunda pele em papel.

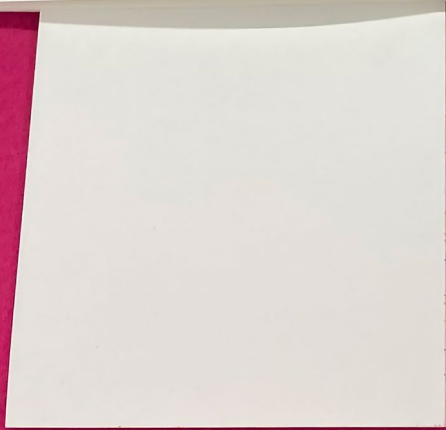
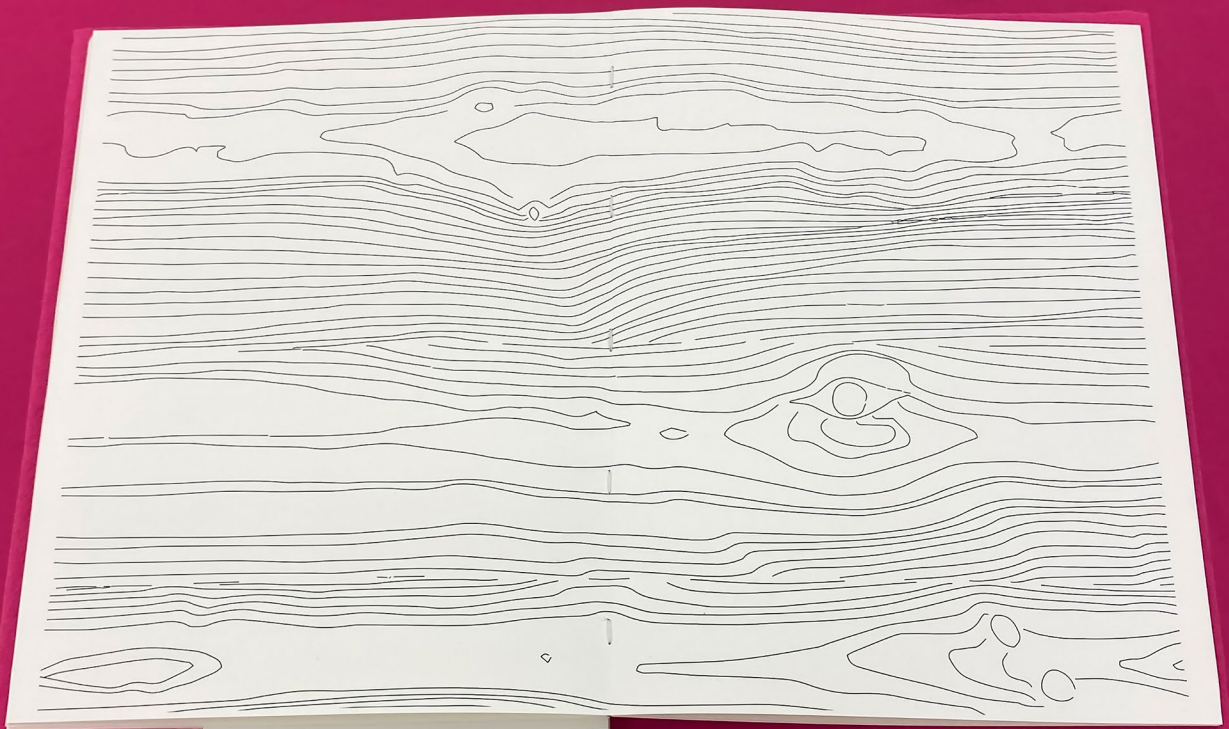




O Livro-Madeira

Para a exposição “Roer o Risco”, na Cabe 184, no Porto, fiz uma edição dos desenhos que desenvolvi durante a mencionada residência. Este livro cosido à mão é composto por 26 desenhos vetorizados. Uma das características desta obra é que o livro tem dois formatos: na horizontal e na vertical. Existe um jogo de orientação, o livro pode ser visto de quatro ângulos diferentes, criando a possibilidade de ter várias interpretações. Apesar de serem desenhos lineares de formas orgânicas, existe uma sequência perfeitamente organizada, assim como um desenvolvimento gráfico peculiar onde existe uma reverberação das linhas.







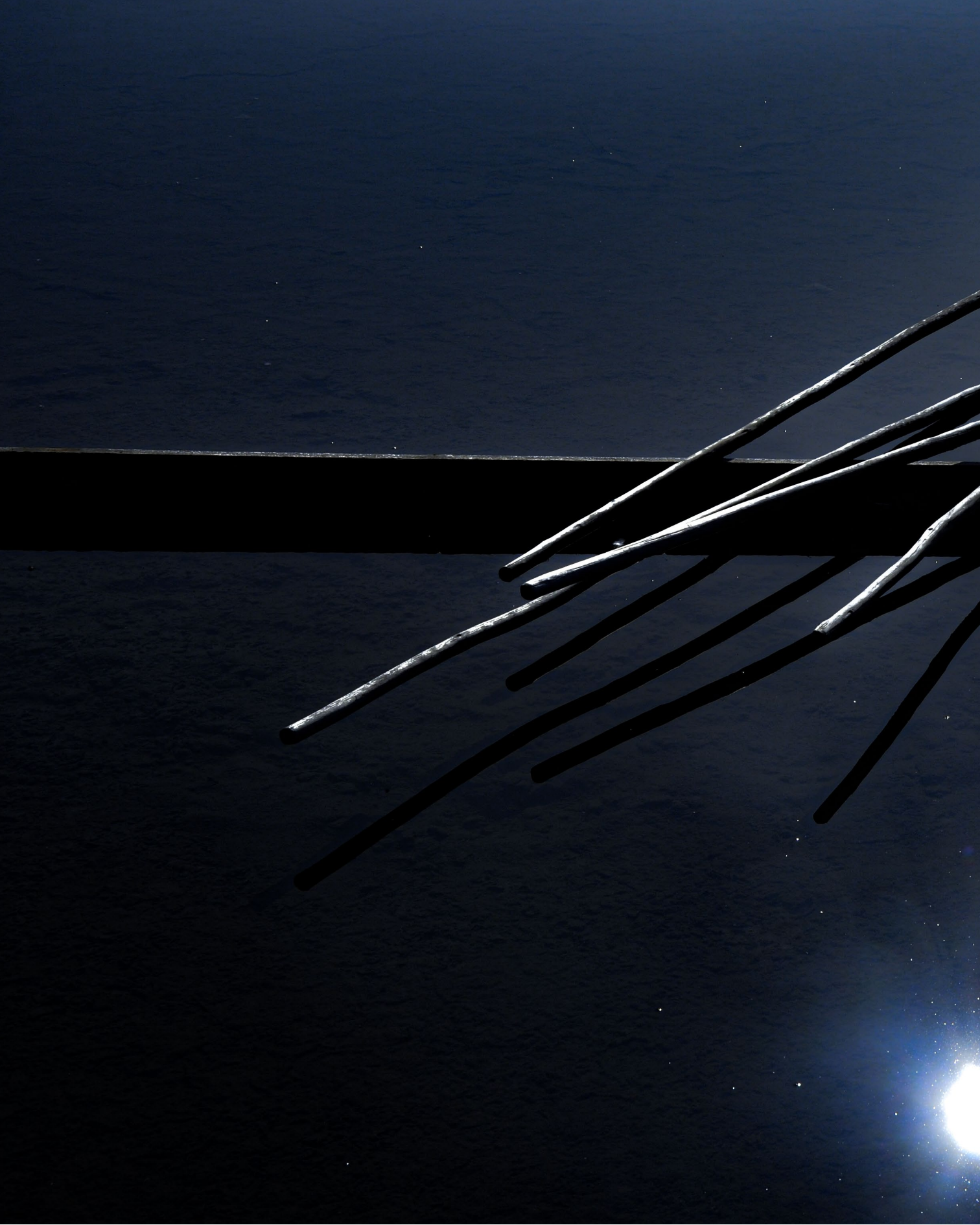


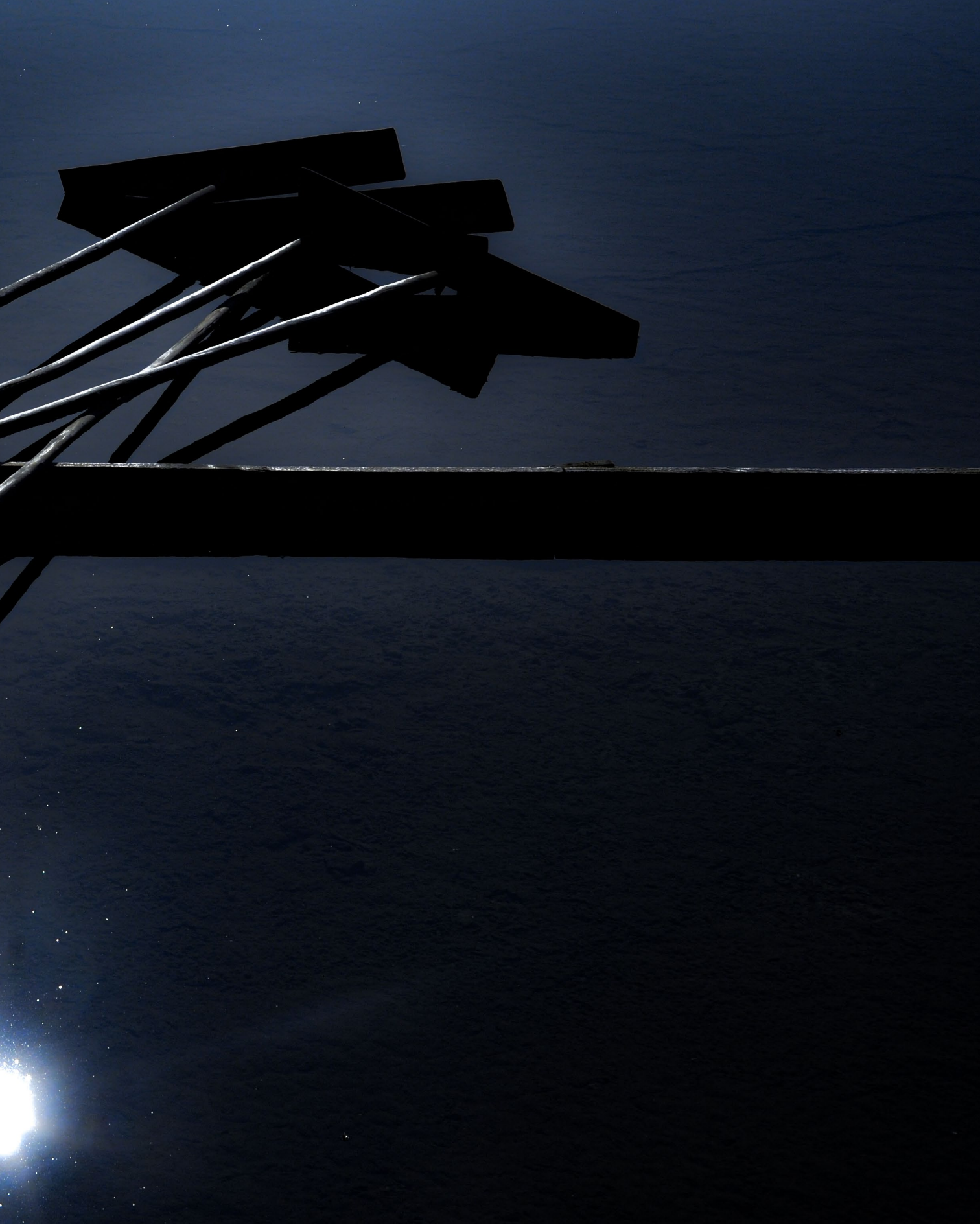
Clara Saracho (1990), artista plástica, vive e trabalha atualmente no Porto. Iniciou os estudos nas Belas-Artes do Porto e concluiu o mestrado de artes plásticas nas Beaux-Arts de Paris (2017), cidade onde viveu 8 anos. Desde 2011 expõe individualmente e em grupo em várias instituições e galerias, tais como no MacLyon, Museu de Arte Contemporânea de Lyon (2020); na galeria Art Curator Grid em Lisboa convidada pelo comissário João Pinharanda (2019); na ArCo de Lisboa (2019); no 68ème Salon de Montrouge (2018). Recebeu o Prémio de Thaddaeus Ropac (2015), com o qual fez uma residência artística em escultura no Japão, na Musashino Art University (2016).

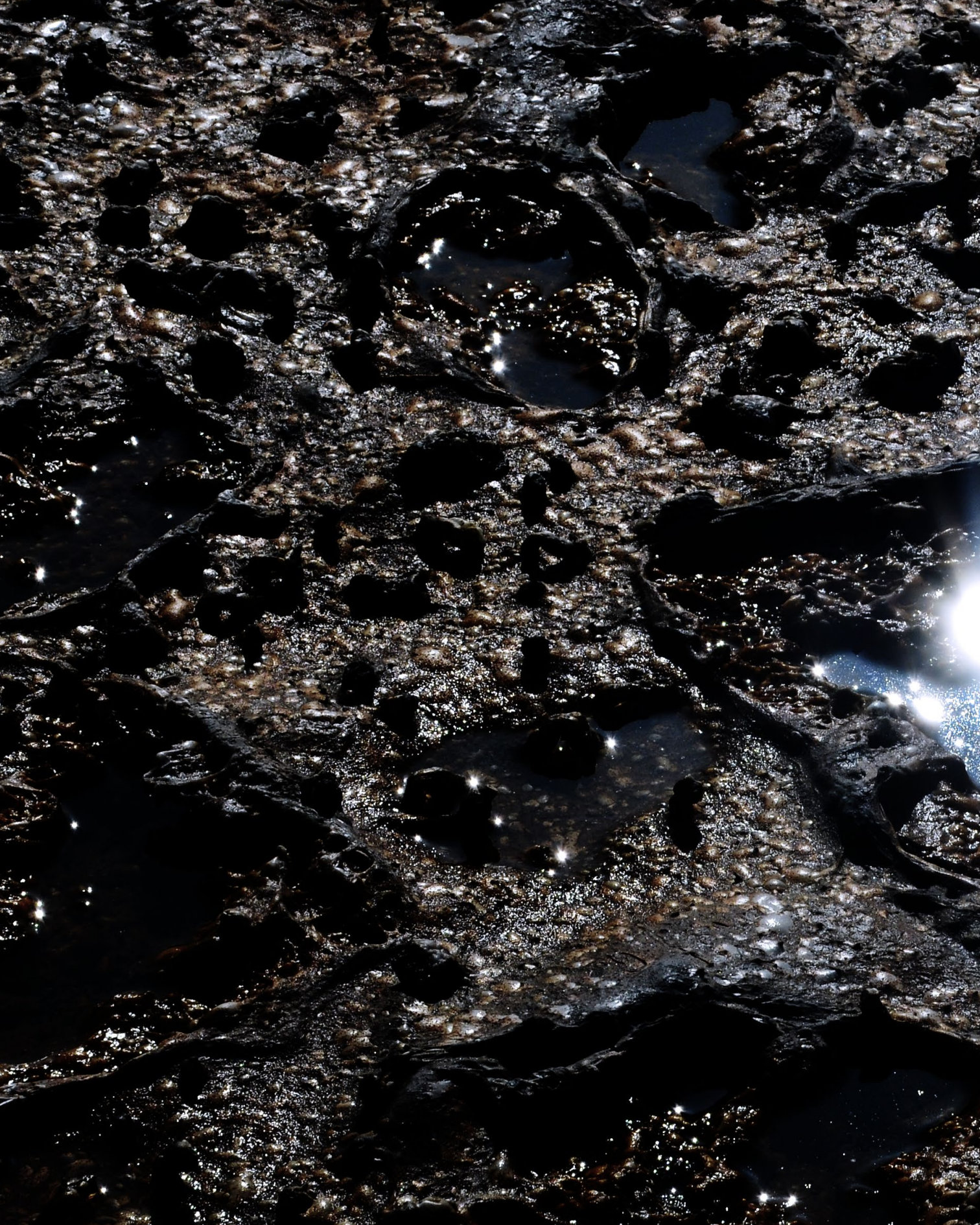
Gabriel Siams

há algum tempo penso sobre a ideia de um trabalho fantasma
onde não há exposições
e que se desenvolve através de um longo processo
um trabalho que não se vê
e que precisa de espera
e de cura
para a captação
e digestão
do não atropelamento
do meu anti-tempo
do meu fracasso e traição
de algo externo a mim
de algo que venha e se deposite sobre
que se cristalize
que sue
que se dissolva
e se transforme em todas as partículas que aparecem entre























Gabriel Siams, 26 anos, artista transmedia brasileiro, licenciou-se em Arte Multimédia (FBAUL) em 2019, e durante este período foi também aluno da Université Paris 8 em Arts Plastiques. Pós-graduado em Comunicação e Artes (FCSH), frequentou também Cinema (PUC-RIO), Cenografia (UFRJ). Expôs trabalhos e foi residente em diversas instituições e espaços, incluindo: Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, BoCA, Culturgest (Lisboa), Carpintarias de São Lázaro e MAAT.

O trabalho de Gabriel Siams interessa-se por possíveis relações que podem ser construídas a partir de temas que surgiram a.C. e que permanecem na contemporaneidade, bem como em pesquisar os pontos de transição, o entre, as coisas. Expandindo-se através da instalação, fotografia, imagem em movimento, performance e som, geralmente, as suas obras têm uma forma plural, entre a narrativa e o documentário, mas não se conformando a uma ou outra forma.

Francisca Pinto

A minha prática artística concentra-se fundamentalmente no desenho e na pintura. As imagens criadas por mim são essencialmente sobre os relacionamentos humanos, assim como uma procura de conexão entre o mundo interior e exterior e baseiam-se, habitualmente, em situações ou sentimentos.

Candidatei-me à residência da Grão porque à data sentia que o trabalho estava a tomar um novo rumo pictórico e precisava de ter a oportunidade de me envolver totalmente na minha prática artística. Necessitava de espaço e tempo para explorar estas novas ideias e criar um novo corpo de trabalho. Além disso, entusiasmava-me a oportunidade da partilha de ideias e vivências com os outros artistas, que foi um dos aspetos mais recompensadores desta experiência.

Os desenhos e as pinturas que desenvolvi na residência focam-se particularmente em ideias de procura, de redescoberta e de transformação, noções que já provinham do meu trabalho no atelier. Contudo, acho que teriam sido abordadas com outra imagética se o trabalho não tivesse sido desenvolvido na Quinta das Relvas.

A natureza circundante foi um grande amparo no processo de pesquisa, tendo servido de ponto de partida para todo o trabalho que desenvolvi. Comecei por explorar os elementos naturais presentes no espaço exterior através do desenho à vista, desenhei folhas e animais, e até utilizei, em alguns desenhos, a argila da quinta misturada com liquin como material riscador. Mais tarde, foi a partir destes esboços rápidos que, já no estúdio da residência, desenvolvi um imaginário mais complexo.





Nesta segunda fase produzi desenhos em carvão, um material que me agrada imenso por possibilitar “acidentes” que me surpreendam. Proporciona que os desenhos se desenvolvam de um modo orgânico, permitindo tropeçar em novas formas e ideias. Nesta fase, o meu intuito era utilizar os mesmos elementos naturais, mas adaptá-los e criar um espaço onde as primeiras impressões captadas seriam ampliadas e onde novas e, muitas vezes, inesperadas emoções pudessem surgir.

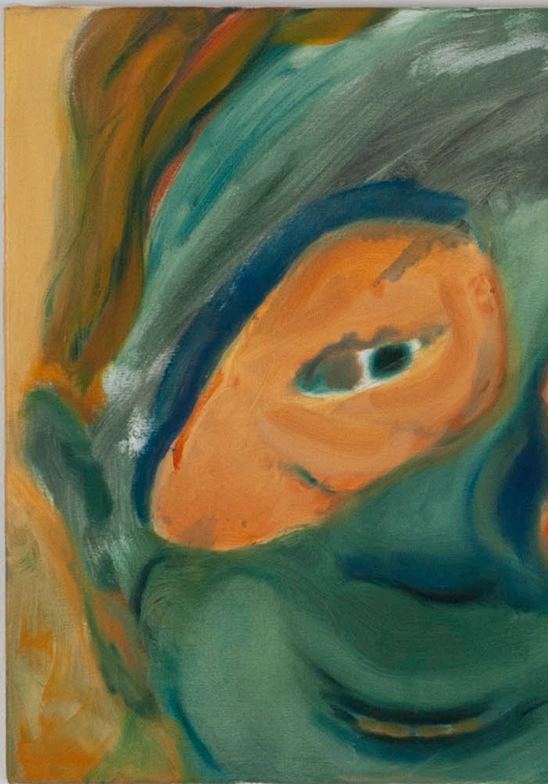
Por sua vez, as pinturas foram maioritariamente criadas a partir destes desenhos. No que refere à pintura, a minha atenção não se concentra apenas na materialidade da tinta ou na tradução entre desenho/pintura, mas também no captar da essência dos desenhos, o que para mim é o mais desafiante. No entanto, interessa-me também que haja alguma liberdade nesta transposição e que, se necessário, as pinturas possam adquirir novas formas e, por consequência, desenvolver novas imagens.

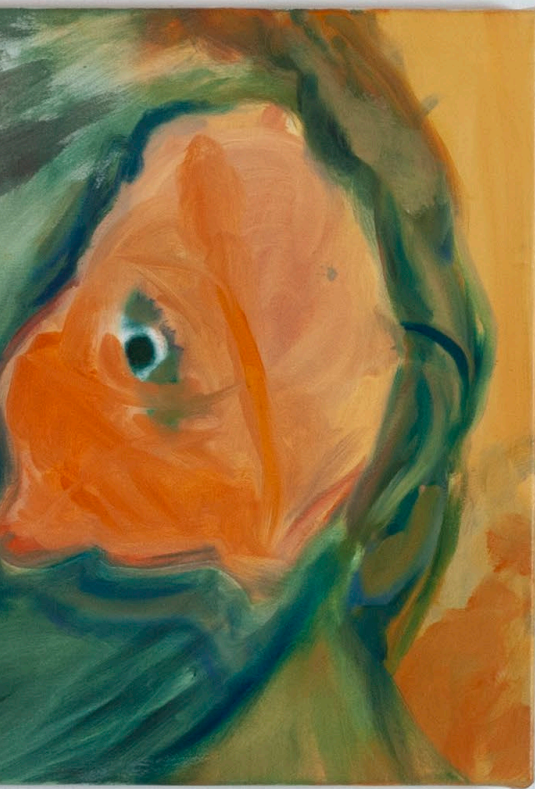
Tanto nos desenhos como nas pinturas, realizadas na residência, está patente uma sensação de divisão do espaço, por vezes na imagem pictórica (com a criação de planos adjacentes ou formas sobrepostas) e, outras vezes, entre a imagem pictórica e o público – reforçando a divisória invisível que designo de quarta parede, comumente referenciado no teatro e cinema.

Esta noção de partição surgiu de um sentimento de rutura, de alienação entre o mundo interior e exterior, duma sensação de estar do lado de cá, com um vidro interposto, a olhar para o lado de lá. Esta impressão levou-me a querer conceber dois espaços na imagem pictórica que, apesar de separados, interagissem de forma inesperada. Isto conduziu-me à ideia de sobreposição de imagens, que por sua vez, levou a que novas questões relacionadas com noções de espaço e de tempo no desenho e na pintura surgissem.

Como já mencionei anteriormente, a partição do espaço, em alguns dos desenhos e pinturas transpõe a imagem pictórica, pelo que, por vezes, também se traduz na afirmação da quarta parede. Nestes casos, apesar destas imagens serem aparentemente submissas à primeira vista, na realidade confrontam o espectador, quase como num jogo das escondidas. Este jogo é algo que já exploro há algum tempo sem nunca antes me ter apercebido disso, pelo que só agora é que começo a perceber as possibilidades que me oferece.

Para terminar, na GRÃO, houve lugar para a exploração e para a partilha de ideias com outros artistas assim como tempo para desenvolver trabalho de forma mais consciente e auto crítica. Em conjunto, isto levou a que novos conteúdos imagéticos e novas noções surgissem no meu trabalho, que, por sua vez, despertou em mim muitas novas questões. E por isso, o trabalho que apresento é meramente o princípio, muito mais está por vir em resposta a estas novas questões.













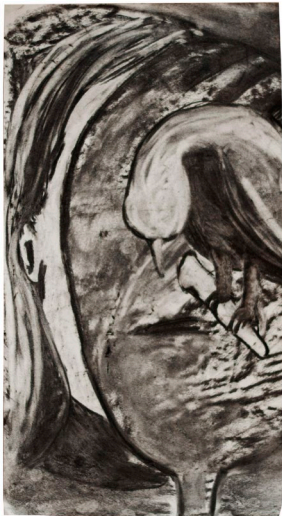


ECHEA-PIE
CLOSERE

Informational sign on a post in the background.











Francisca Pinto (1995, Vila do Conde) vive e trabalha em Londres. A sua prática artística foca-se essencialmente no desenho e na pintura. As imagens que produz são sobre relacionamentos humanos, bem como uma procura de conexão entre o mundo interior e exterior, baseando-se sobretudo em situações ou sentimentos.

Em 2018 foi-lhe atribuída uma bolsa para a realização de uma pós-graduação na Royal Drawing School, que concluiu em 2019. Licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2017.

Participa em exposições coletivas com regularidade desde 2016, destacando-se: “A drawing Show”, V.O Curations (Londres, 2022), “Dose Numero 5”, Balcony Gallery (Lisboa, 2020), “In the Woods”, Linwood Close (Londres, 2020), Open Call 2019, Delphian Gallery (Londres, 2019), “O Escritório”, Rua Bernardim Ribeiro no 52 (Lisboa, 2018), “Quarto room.fourth”, Casa da Dona Laura (Lisboa, 2017) e “A Dispensa”, Pavilhão 31 do Hospital Júlio de Matos (Lisboa, 2017).

Durante o tempo da residência, a Francisca começou por investigar o espaço da Quinta das Relvas e os elementos naturais presentes, através do desenho à vista. Mais tarde estes desenhos constituíram um apoio para o desenvolvimento de mais desenhos e pinturas, com o intuito de retrabalhar as mesmas ideias e composições, mas agora também com o objetivo de explorar noções de procura, redescoberta e transformação.

Francisca Valador

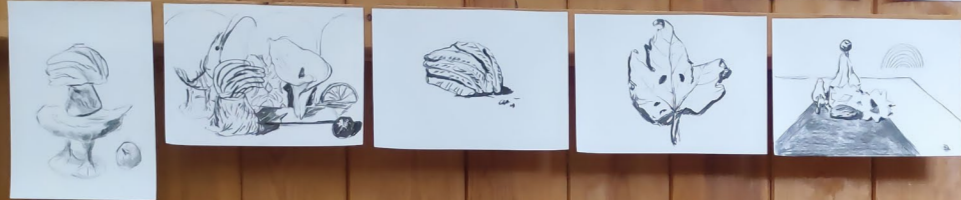
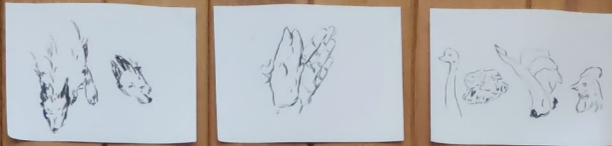
Tenho o hábito de fazer listas. Coisas por fazer, auxiliares de memória, mas também de palavras que ressoam. Coisas do dia-a-dia, importantes para o meu trabalho.

Jarro,
hortelã,
trevo,
hortênsia,
sabugueiro,
avenca,
begónia,
rosa.

Por vezes, estas palavras repetem-se. Mostram-se relevantes para a construção de narrativas. Duas a duas, três a três, ou uma cadência.

Hortelã,
hortênsia,
dióspiro,
uvas,
grainhas,
galinha,
coruja.

Transformam-se em imagens.



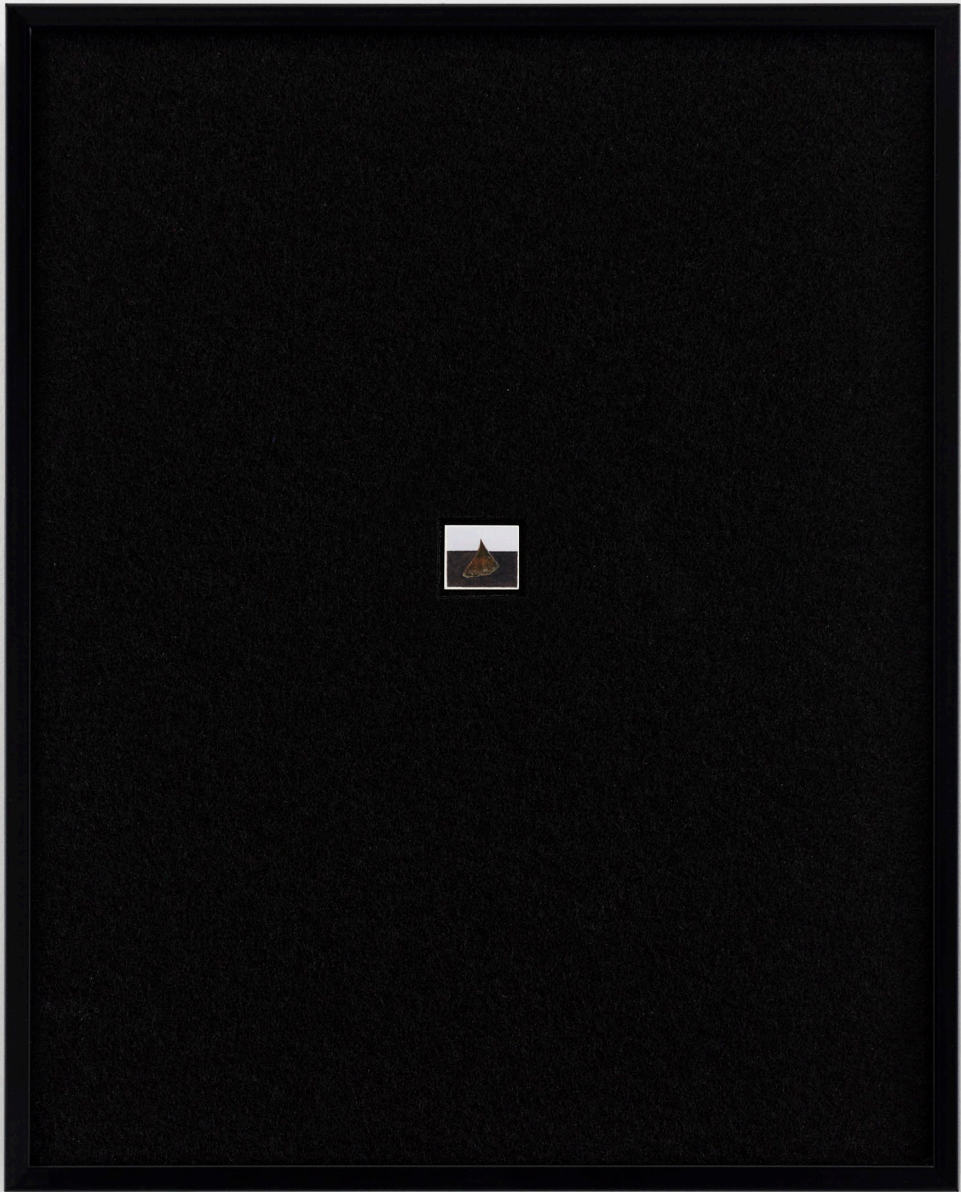


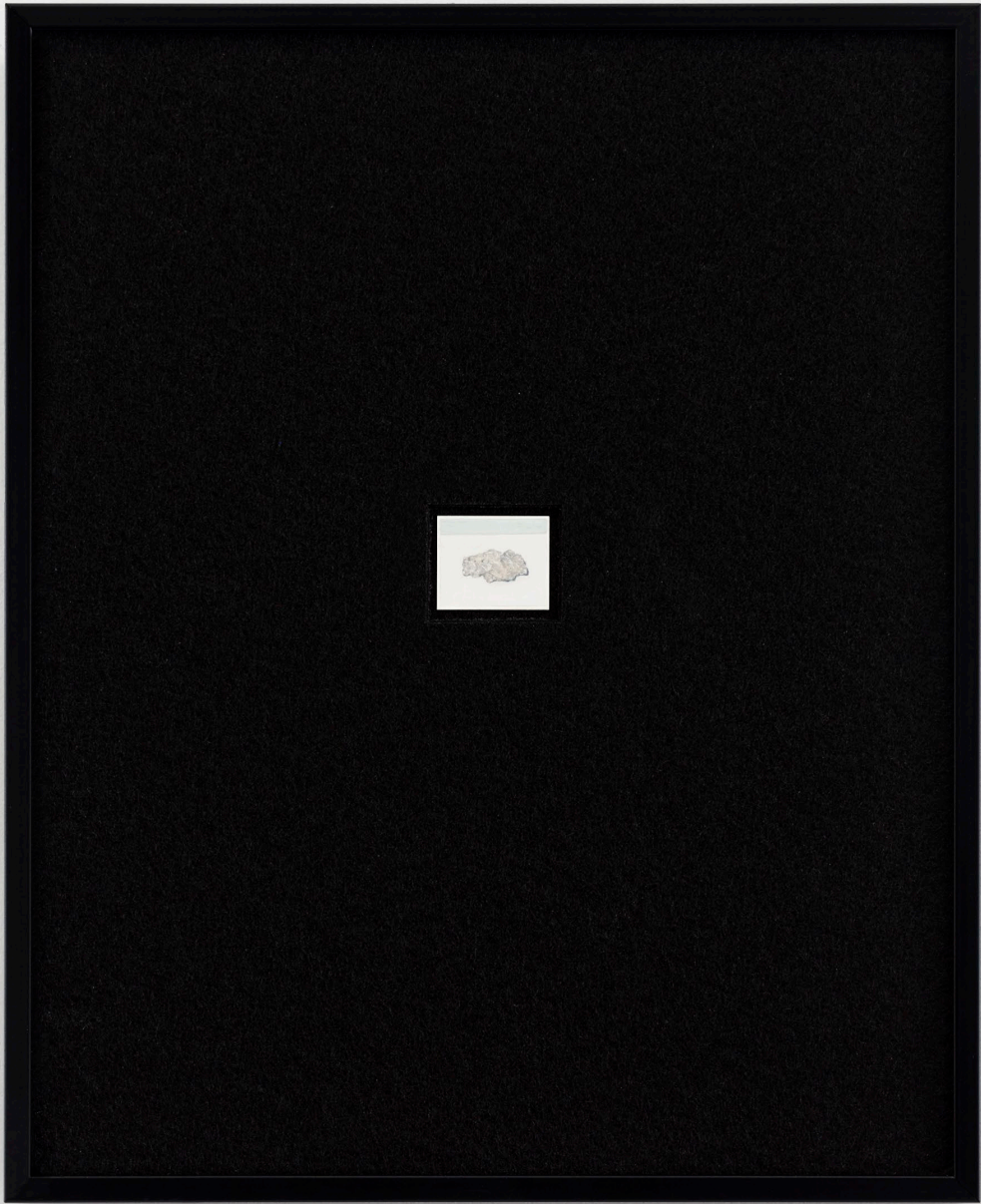
Caminhadas,
serra,
chuva,
orvalho,
regatos,
pedras,
pigmentos,
desenho,
carvão,
arion ater,
sal.

O tempo que passei na Grão revelou-se um momento de experimentação, onde novos trilhos foram desvendados. Não rompendo com o passado, surgiram novas perspectivas para o futuro. Nasceram dúvidas que foram acolhidas. Desafios e partilhas.

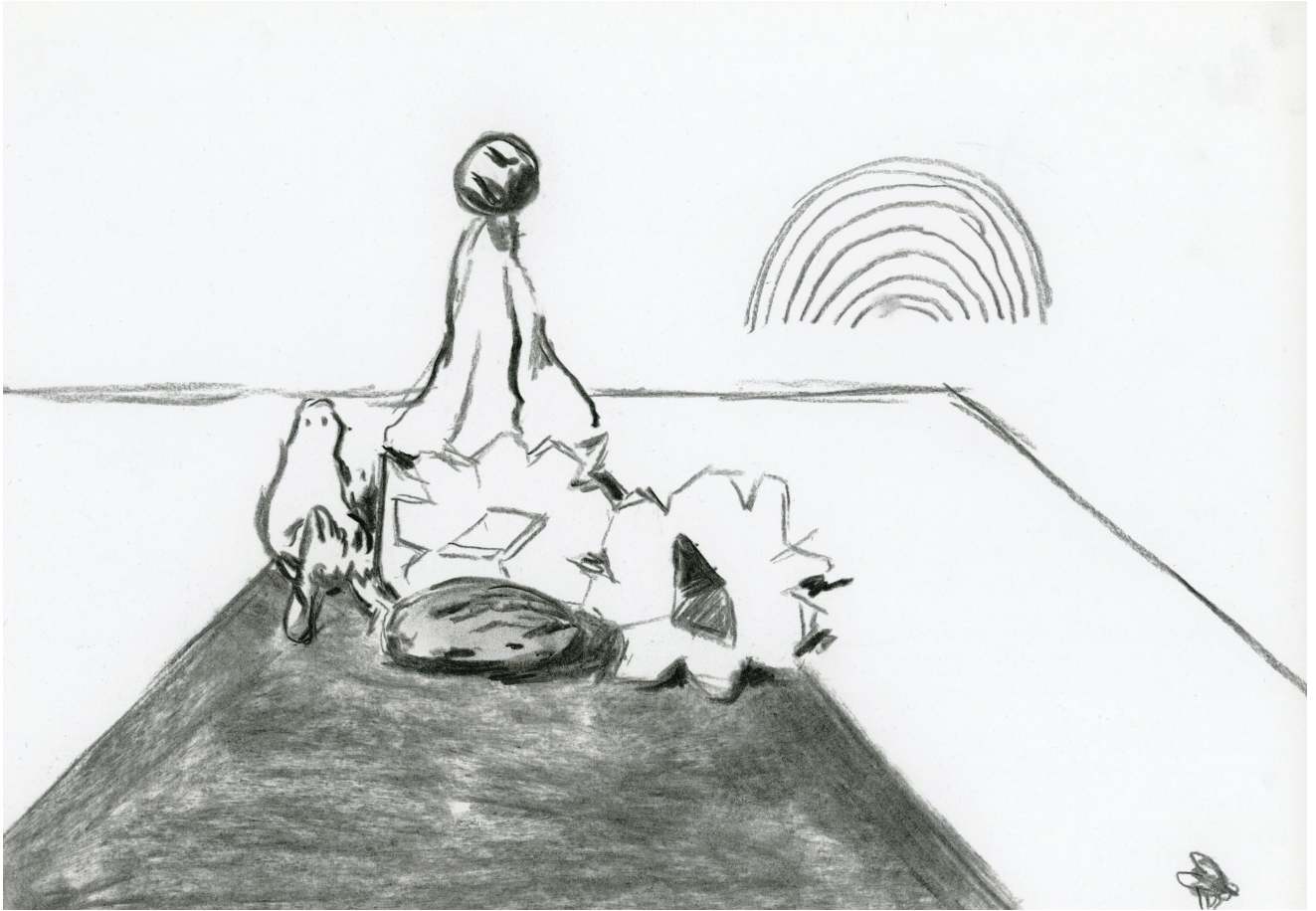
Malhas,
linhas,
caudas,
caminhos,
sombra,
folhas caídas,
castanhas,
bolotas,
sementes,
partilha.

Pequenos fragmentos, juntos, tornam-se construtivos de um todo.
Foi assim o tempo na Quinta das Relvas.





















Francisca Valador (1993, Lisboa) vive e trabalha em Lisboa. Estudou pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e fez uma pós-graduação em Práticas artísticas e processos pedagógicos na ESEI Maria Ulrich. As suas pinturas e instalações compõem-se de objetos que coleciona e dispõe de modo a criar novas narrativas e significados. Pequenos elementos, que por vezes sugerem ser muito maiores, respeitam a escala dos motivos representados, conferindo-lhes um carácter simbólico. Infimos fragmentos, juntos, tornam-se construtivos de um todo, à maneira de naturezas-mortas. Desde 2016 que tem vindo a participar em exposições individuais e colectivas. Das suas exposições destacam-se: Oneiroikos, Brotéria, Lisboa, PT (2022); COLLETTIVA #1, MONITOR, Petreto, IT (2022); Depois do banquete, Teatro Thalia, Lisboa, PT (2022); Manta Ray, Matèria Gallery, Roma, IT (2021); Dip me in the river, drop me in the water!, Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT (2021); Reação em Cadeia #6: Las Palmas – Apofenia, Culturgest, Porto, PT (2021); A Longa Sombra, Maus Hábitos, Porto, PT (2021); Homework, Galeria Madragoa, Lisboa, PT (2020); CENTRAL ASIA: Presença Brilhante (colaboração com a dupla primeira desordem), Lisboa, PT (2019); I Will Take The Risk, AZAN Tomaz Hipolito Studio, Lisboa, PT (2019); Subterrâneo (colaboração com Eduardo Fonseca e Silva), Museu Geológico, Lisboa (2018); The dog is very confused, Galeria FOCO, Lisboa, PT (2018); Corda Bamba (colaboração com Eduardo Fonseca e Silva), Ateneu Comercial, Lisboa (2016).

Sally Santiago

Ao reconhecer que existe sempre uma parte nova a integrar um dali ou um daqui, é possível entender melhor uma existente dualidade no integrar de espaços, que habita entre algo que esta prestes a reconhecer um possível “novo” e a não consideração deste algo como o próprio novo. Um sujeito algo que ao adentrar um espaço parte de seu ponto referencial e sente-se a cumprir com seu instinto de reconhecimento do novo, ao mesmo tempo que falha ao restringir este dever a um encarar particular de referencial próprio. É o reflexo claro da cegueira de um olhar em sentido único, que detém um retorno, que impede uma conversa, que frustra um diálogo e por fim, encerra um contato antes que este comece.





É de se pensar que, talvez a flexibilidade de um algo atento a distância existente entre seu olhar e o que é observado, possa revelar uma porta aberta para um campo imaterial não passivo que de forma fantasiosa esperaria educadamente por seu tempo de falar, ou então, nas mais enérgicas tentativas de retorno, este campo imaterial em declaração de direito venha a invadir por arrombamento o espaço de um algo desatento, quem sabe?



Na dúvida, busco considerar o bem que faz olhar pra dentro da distância, entre o algo que sente que sabe olhar e o que ainda não teve chance de se provar. O provar de um observador responsivo, mas de início silencioso, que não escolhe seu silêncio mas que acata a circunstância da presença de um olhar primeiro, que exerce sua soberania do ver e o aquieta sem nem perceber ou se beneficia pelo presente de receber o olhar e o que junto dele vem.

No final, é tudo pra ver se eu consigo ver direito; é pra ver se eu consigo ver de verdade.













Sally Santiago é uma artista visual e investigadora brasileira que atualmente vive e trabalha em Porto, Portugal. Com criações fortemente centradas na grandeza da natureza, os seus projetos habitam principalmente o campo do vídeo, experimental, instalações e fotografias, focando suas pesquisas em debates sobre experiências humanas, os seus processos de transformação e a ligação com diferentes espaços - o habitar na grandeza. Faz parte do programa de doutoramento em Artes Plásticas da FBAUP, possui mestrado em criação artística contemporânea (UA/PT) e bacharelato em comunicação social (UAM/BR). Em 2022 inaugurou a sua primeira exposição individual, 'Itinerários do pensar: o íntimo e o mundo', no Porto, e recebeu menção honrosa nos vídeos 'Na antessala da consciência' na XII Bienal de Artes de Vila Verde e 'Da verdade e do tempo' no Concurso Aveiro Jovem Criador. Possui experiência em estudos de comunicação no Brasil (até 2019), colaboração com o Center of Contemporary Art - CoCA na Nova Zelândia (2020) e atualmente faz parte da equipa das instituições culturais Cultivamos Cultura e Ectopia, em Portugal.

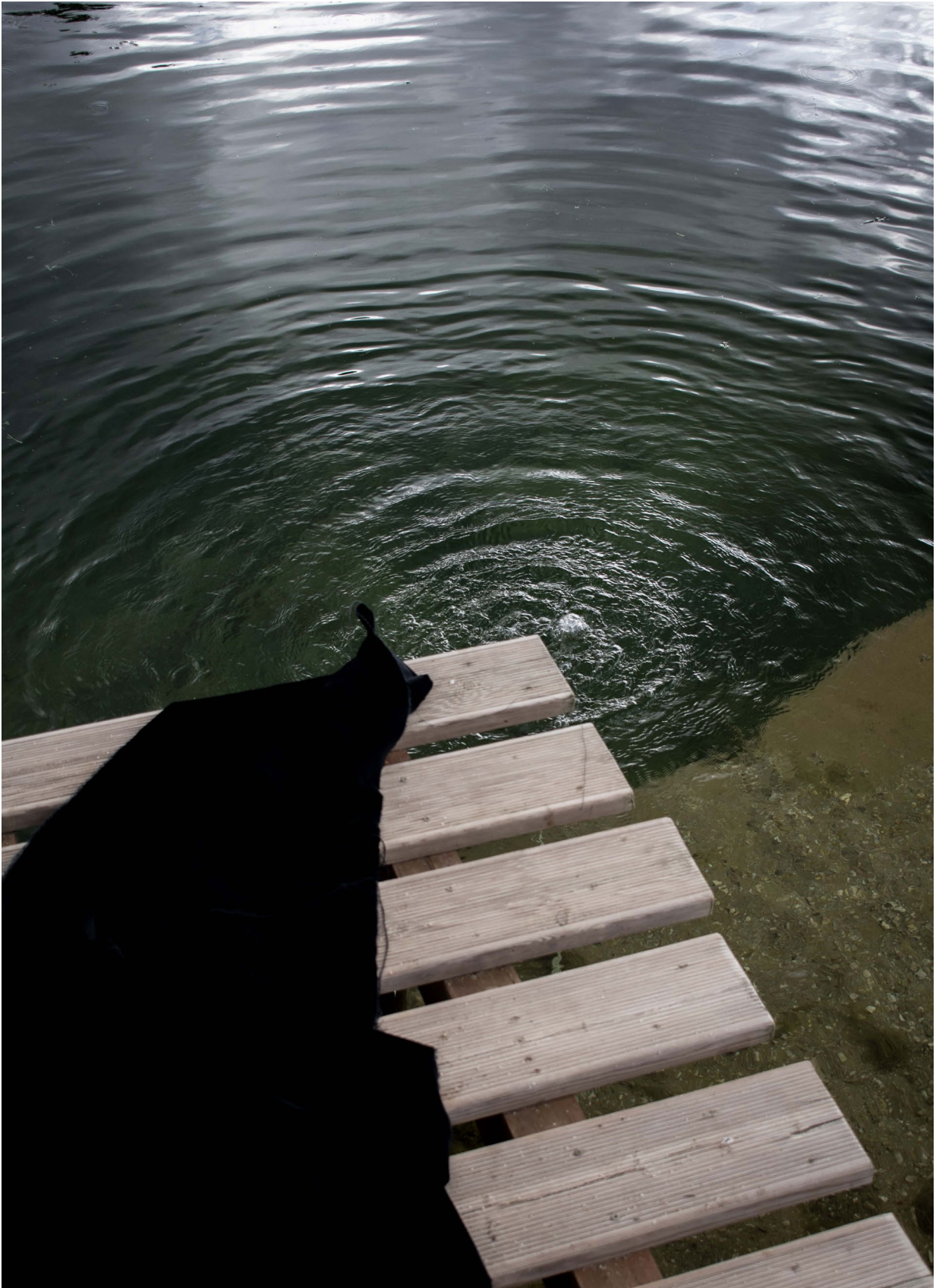
Tiago Leonardo

Sentado no atelier que mais ninguém quis, recuso inicialmente a partilha do espaço de trabalho - e essa oportunidade foi fruto do acaso – e penso na solidão, de onde todo o meu trabalho nasce, de que forma posso precisamente combater as suas principais tendências. De que forma poderei tornar condições adversas ao mesmo, condições imprevisíveis, uma mais-valia para o seu desenvolvimento.

O ponto de partida sobrepõe-se ao ponto de chegada formando assim um percurso circular através do qual a pobreza voluntária que acompanhava esta peça no início, se transforma na riqueza absoluta de conteúdos através da mesma substância visual.

Dividamos esta experiência em 2 partes, tal como o trabalho que apresento se divide em 2 momentos.





Tradicionalmente a fotografia existe num eixo temporal fixo, congelado no instante da captura. Foi por aí que comecei. Queria captar um instante, mas não qualquer um, queria escolhê-lo a dedo, não o perder, estar preparado para, quando o mesmo acontecesse, o poder captar; eu saberia quando o visse. Não se pode estar em todos os lados ao mesmo tempo e, portanto, escolhi um lugar: a lagoa.

Que formas são mais imprevisíveis que as da água? Com a sua inteligência líquida, impossíveis de reproduzir duas vezes, que adquirem tantas formas distintas ao longo de um só dia, dia. Captei de manhã, à tarde, à noite..., mas isso pouco interessa. O anoitecer foi o que mais me interessou.

Esta imagem era demasiado para mim, denunciava o anoitecer, a perspectiva, um horizonte. Oferecia tudo de “mão beijada”, precisava de ser reduzida até ao estritamente necessário.

Aqui abandono o estritamente fotográfico. Procuo uma tensão

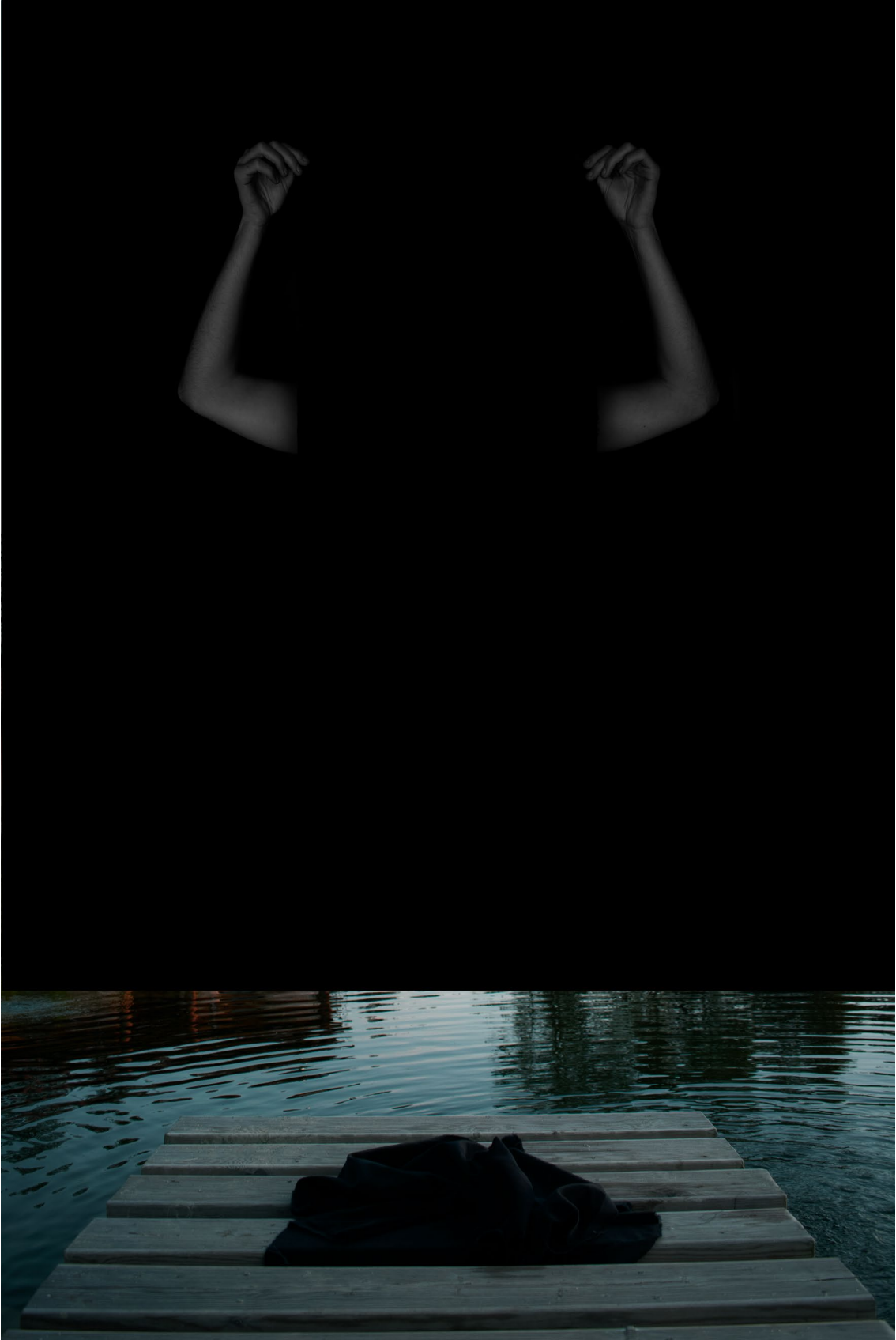
A primeira vez que o quadrado negro aparece em Malevich, ao contrário do que se possa pensar não é no famoso “Quadrado Negro sobre fundo branco”, mas sim na cortina de uma opera intitulada “Victory over the sun”, onde os personagens tentam capturar o sol e abolir o tempo. E sem luz também não existe espaço. De noite os objetos do horizonte estão mais próximos.

Parto do modus operandi do fotografo para produzir uma imagem desse lugar escolhido a dedo, acrescentando-lhe o vestígio de uma ação simbólica, através de um jogo de linguagem - o “cair do pano” - para depois a colocar em tensão uma outra imagem, que sendo produzida fotograficamente, recusa a fotografia e se aproxima de uma logica pictórica, mas não se entrega totalmente.

É no negro, na ausência de horizonte, no desaparecimento, em Calhau - com o qual me encontraria mais tarde no centro de arte de Oliva – que me encontro finalmente com o invisível fundo da lagoa - pois ao olhar as águas paradas só vejo o meu reflexo - sem nunca lá ter posto sequer um pé.

Todas as características que no início eram uma forma de simplificação quase “ensaística” passaram a ter um enorme peso após um acontecimento que me obrigou a interromper a residência por uns dias -acontecimento que não partilho, porque a minha obra nunca quis ser autobiográfica – quando voltei a matéria era a mesma, mas tudo era diferente.

Signo e não Símbolo.















Tiago Leonardo (2000) vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Ciências da Arte e do Património na FBAUL, e frequenta atualmente o último ano do mestrado em Estética e Estudos Artísticos com especialização em cinema e fotografia (FCSH). O seu trabalho vem a refletir a fotografia e o fotográfico no contexto específico das artes visuais, revelando o privilégio da formação teórica à prática. Surge como uma ideia, sendo a prática a mera execução da mesma.

Ainda que com uma prática artística bastante recente, iniciada no ano de 2021, o artista conta já com diversas exposições coletivas. Colabora ainda com diversas publicações através da redação de artigos e ensaios na área da arte e do cinema.

Índice de imagens

Clara Saracho

- pág. 16** Fotografias no processo de investigação no início da residência
pág. 17 Fotografias no processo de investigação no início da residência
pág. 18,19 Fotografia no processo de investigação
pág. 20 Sem Título, desenho vectorial
pág. 21 Fotografia no processo de investigação
pág. 22,23 Vista de atelier - processo
pág. 24, 24 *As oito cadeiras*, fotografia digital
pág. 26, 27 Sem Título, desenho vectorial
pág. 28 Sem Título, desenho vectorial
pág. 29 Sem título (Livro-Madeira), edição de 26 desenhos, impressão digital sobre papel reciclado, 45 x 45 x 1,5 cm.
Cabe 184, exposição “Roer o Risco”
pág. 30 Sem Título, desenho vectorial

Gabriel Siams

“Ghost Work”

- pág.33** Sal e Aço Inox, 5 x 5 cm
pág. 34,35 Impressão a jato de tinta em papel Hahnemühle Photo Rag 50 x 77 cm
pág. 36,37 Impressão a jato de tinta em papel Hahnemühle Photo Rag 50 x 77 cm
pág. 38 Impressão a jato de tinta em papel Hahnemühle Photo Rag 50 x 77 cm
pág. 40, 41 Impressão a jato de tinta em papel Hahnemühle Photo Rag 50 x 77 cm
pág. 42, 43 Impressão a jato de tinta em papel Hahnemühle Photo Rag 35 x 23 cm
pág. 44 Vistas de atelier, processo

Francisca Pinto

- pág. 47** *Pine tree*, óleo sobre tela, 50 x 40 cm
pág. 48 *In the small hours*, óleo sobre tela, 60 x 70 cm
pág. 50, 51 *July tree*, óleo sobre tela, 42 x 30 cm
pág. 53 *Informal meeting*, óleo sobre tela, 80 x 60 cm
pág. 54 *Shattered or Photo album, haven't decided yet*, 80.7 x 60,3 cm
pág. 56, 57 Vistas de atelier, processo
pág. 58, 59 *Birds*, argila e liquin sobre papel, conjunto de desenhos de dimensões variadas
pág. 60, 61 *Leaves and Faces*, carvão sobre papel, conjunto de desenhos de dimensões variadas
pág. 62 *o'o Bird*, óleo sobre tela, 45,5 x 50 cm

Francisca Valador

- pág. 65** Vista de atelier com Goya
pág. 66 *Pétala*, aguarela e guache sobre papel, 3,4 x 4 cm
pág. 69 *Pico*, aguarela e guache sobre papel, 3,4 x 4 cm (moldura 34,5 x 28 cm)
pág. 70 *Sal*, aguarela e guache sobre papel, 3,4 x 4 cm (moldura 34,5 x 28 cm)
pág. 72 Estudo, grafite e carvão sobre papel
pág. 73 Estudo, grafite e carvão sobre papel
pág. 74 Processo, fotografia com lesma
pág. 75 Vista de atelier, mesa de trabalho
pág. 76 Estudo, grafite e carvão sobre papel
pág. 77 Estudo, grafite e carvão sobre papel
pág. 78 Processo, fotografia com flores

Sally Santiago

- pág. 81** *Aparar a ponta*, fotografia, 2022
pág. 82 Processo - exterior da Quinta das Relvas
pág. 83 Processo - exterior da Quinta das Relvas
pág. 84 Vista de atelier, espaço de trabalho
pág. 85 Processo de trabalho da obra *É pra ver se eu consigo ver*
pág. 86, 87 *O bom dia sobre mim*, fotografia, 2022
pág. 88 Vista de exposição da obra *É para ver se eu consigo ver*
Instalação - Vinil, madeira, linha de algodão - Dimensões variáveis.
Exposição “Roer o Risco” Cabe 184, Porto

Tiago Leonardo

- pág. 91** Fim de cena I, fotografia
pág. 92 Fim de cena II, fotografia
pág. 95 O cair do pano, fotografia
pág. 96 Vista de exposição “Fim de cena II”, Impressão a jato de tinta sobre papel, 11 x 8 cm (moldura 32 x 32), 2022. Exposição “Roer o Risco” Cabe 184, Porto
pág. 98, 99 Vista das duas obras na exposição “Roer o Risco”, Cabe 184, Porto
pág. 101 Vista de exposição “Fim de cena I”, Impressão a jato de tinta sobre papel, 11 x 8 cm (moldura 32 x 32), 2022. Exposição “Roer o Risco” Cabe 184, Porto
pág. 102 O cair do pano, fotografia

GRÃO - Residência Artística e de Investigação

Artistas: Clara Saracho, Gabriel Siams, Francisca Pinto, Francisca Valador, Sally Santiago, Tiago Leonardo

Produção: Associação Quinta das Relvas - Artes e Sustentabilidade

Coordenação: Beatriz Manteigas, Mariana Malheiro

Data da residência: 10 - 30 de Outubro de 2022

Exposição: Galeria Cabe 184 - 17 de Dezembro de 2022 a 23 de Janeiro de 2023

Conceção e design gráfico: Mariana Malheiro

Capa: Gabriel Siams

Fotografia: Clara Saracho, Gabriel Siams, Francisca Pinto, Francisca Valador,
Mariana Malheiro, Sally Santiago, Tiago Leonardo

Textos: Ana Thudichum Vasconcelos, Beatriz Manteigas, Leonor Lloret, Clara Saracho, Gabriel Siams,
Francisca Pinto, Francisca Valador, Mariana Malheiro, Sally Santiago, Tiago Leonardo

Revisão: Beatriz Manteigas

Impressão: Gafrialba - Artes Gráficas. Albergaria-A-Velha

Tiragem: 50 exemplares

Nº de páginas: 106

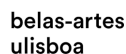
2022-2023

ESTE TRABALHO É FINANCIADO POR FUNDOS NACIONAIS
ATRAVÉS DA FCT – FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Entidade Organizadora



Com o apoio





b
—
a

cioba

belas-artes
ulisboa

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA
DIREÇÃO REGIONAL DE
CULTURA DO CENTRO